IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade
V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade
V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

BIOGRAFEMÁTICA COMO ESTRATÉGIA METODOLÓGICA PARA INVENTAR UMA *TRAGUEITÓRIA* ESCOLAR

Eixo Temático – EIXO 13 - GÊNERO E SEXUALIDADE NA ESCOLA: NOVAS AMEAÇAS, ENFRENTAMENTOS E POSSIBILIDADES DE RESISTÊNCIAS

Danimar Bonai [1]
Martha Giudice Narvaz [2]

RESUMO

Apresentamos aqui recortes de uma pesquisa-experimentação em andamento que brinca com a escrita e com a língua na proposição de outros modos de fazer educação. A escrita é assumida como exercício poético de invenção que se debruça em qualquer acontecimento *ínfimo* ao longo de uma *tragueitória* escolar e de vida, atravessando corpos, gêneros e sexualidades dissidentes. O trabalho possui inspiração autobiográfica e um modo de fazer biografemático a partir de Roland Barthes. Assumimos uma atitude anárquica de investigação valendo-nos de um tipo de *escrita maldita*, que perverte a gramática dos corpos e da academia (hegemônica).

Palavras-chave: Escritas malditas, Biografema, Gênero e sexualidade, *Tragueitória* escolar.

INTRODUÇÃO OU APONTANDO OS DESEJOS DE ESCRITA

Esse texto é baseado em recortes de pesquisa de mestrado que está sendo desenvolvida junto à Linha de Pesquisa Artes em Contextos Educacionais, do Programa de Pós

[1] Mestrando no Programa de pós-graduação em Educação da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS, danimar-bonai@uergs.edu.br;
[2] Professora Orientadora titular do Programa de pós-graduação em Educação da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS, martha-narvaz@uergs.edu.br.

Graduação em Educação da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. A intenção aqui é construir por meio de método biografemático a *tragueitória* escolar de um jovem guei. Isso será feito mediante a utilização de uma linguagem subversiva e maldita, inspirada em Paulo Leminski (2013). Essa linguagem não se contenta apenas em utilizar palavras já dispostas na língua portuguesa, mas também se propõe a inventar termos novos quando os que aí estiverem não se adequarem aos itinerários de pesquisa por serem rígidos, hegemônicos ou comportados demais. Nesse sentido, a *tragueitória* refere-se à trajetória escolar e de vida que um jovem guei escreve sobre si numa perspectiva biografemática a partir de Roland Barthes.

A *tragueitória* escolar que nos propusemos a *inventar(iar)* foi tomada enquanto um estudo com diversos modos (im)possíveis de escrever a si mesmo, os quais não seguem uma linearidade factual; uma cronologia ascendente; uma seleção de grandes eventos e a ausência de poetizações-invenções em seu desenvolvimento, como é característico das autobiografias canônicas. Não obstante, esta pesquisa está sendo estimulada-tocada-acariciada-cuspida sob um fazer-pensar-sentir de uma *escritaexperimentação* com quaisquer eventos, formas e situações capazes de produzir uma vida, sejam elas aparentemente ínfimas ou notáveis.

Os sujeitos e seus corpos são entendidos aqui como campo de escritas diversas que envolvem embates com a sociedade atrelada a seus aspectos historicamente constituídos pelas culturas. O termo guei é tomado de João Trevisan (2018) que, em "Devassos no paraíso: a homossexualidade no brasil, da colônia à atualidade", narra a construção histórica das homossexualidades no Brasil, desde a formação do país enquanto colônia até a atualidade. Ele utiliza a grafia mencionada, ao invés de gay, no intento de forjar saberes que não obedeçam às importações emendas da matriz eurocêntrica. Nesse âmbito, desejamos fragmentar e fissurar as epistemologias historicamente alicerçadas em concepções que percebem as masculinidades gueis como homogêneas, visto que existem múltiplos jeitos de se viver a subjetividade guei, principalmente se levarmos em conta as relações de gênero e suas inúmeras configurações entre os sujeitos gueis e as suas singularidades físicas e culturais. A título de ilustração, podemos pensar que um sujeito guei que mora numa realidade periférica, negro, de matriz evangélica terá modos de viver a subjetividade bastante diferentes em relação a outro sujeito que mora no centro urbano, de classe média-alta, cristão-católico. O nível de estigma ou aceitação social desse jovem poderá sofrer mais ou menos resistência conforme o contexto disposto. Desse modo,

entendemos que ser um sujeito gay não significa viver conforme os estereótipos hegemônicos sobre apresentar trejeitos na voz, no andar, nos gestos manuais, no olhar, entre outros.

a culpa é uma (p)(l)uta da alma,
transa com todos os corpos inconvenientes
pelo simples vício de fazê-lo.
(Danimar Bonai, 2025)

METODOLOGIA OU COMO SUBVERTER UMA PESQUISA ACADÊMICA

De quantas maneiras é possível escrever, ex crever, ex crer, ex ver, ex crever diferente, escrever novamente diferente uma trajetória escolar imersa numa vida? Essa questão permite uma infinidade de respostas, porém nessa pesquisa assumimos como estratégias metodológicas para esse empreendimento o biografema, inventado por Roland Barthes (2003, 2005), além das escritas malditas de Paulo Leminski (2010, 2013).

A escrita biografemática tem seu modo operacional voltado ao que é ínfimo numa vida, o que não é necessariamente pequeno ou irrelevante. Desse modo, o que comumente é pouco notado numa vida passa, então, a ser objeto de atenção e investigação com a prática biografemática. Para Roland Barthes (2003, p. 123, grifo do autor) “o *biografema* nada mais é do que uma anamnese factícia: aquela que eu atribuo ao autor que amo. Essas poucas anameses são mais ou menos *foscas* (insignificantes; isentas de sentido). Quanto mais se consegue torná-las foscas, mais elas escapam ao imaginário”.

para sempre
pata sempre
bata sempre
leia sempre
ria sempre
invente sempre
para bater
no que sempre quiser ser
para sempre.
(Danimar Bonai, 2025)

O trabalho biografemático se propõe a inventar uma vida mediante aspectos ínfimos e foscos que atravessam uma existência, que a título de ilustração seria como uma meia rasgada, um olhar vago, um botão de camisa faltante. Desse modo, um sujeito e suas histórias de vida poderão ser contadas de modo vago, sobressaltado, sem nenhuma pretensão de totalidade ou verdade a ser vasculhadas a todo custo, pois considera que o sujeito que está ali também poderia ser entendido de outros modos que não aqueles encontrados até então. Não se trata de distorcer uma vida, e sim de flertar com diferentes possibilidades de escrita e invenção. Nesse caso, tanto faz começar a investigação pelo "início" (nascimento) ou "fim" (morte) do sujeito em razão de que a totalidade é uma quimera (im)possível e desnecessária. Por sua vez, a trabalho autobiográfico é mais duro e não aceita a ausência de uma verdade de si a ser procurada, no que tange buscar esgotar cronologicamente a vida de alguém com a intenção de narrar tudo o que se refere ao sujeito, sendo preciso dar coerência à vida de em questão apresentando todos os fatos vividos.

sair, entrar, sair, adentrar, ir,
armário,
aRmar, amar, *anar*, ansiar, arar,
sair, ir, fugir, devir,
sacolejar, CUspirar, supor,
entrar, retornar, passar, andar,
ensaiar, ensimesmar, empinar,
armário sair de, mas não totalmente;
amar fora dos armários, amar nos armários, aRmar com os armários;
saraDAR com os a(r)mários, amantes,
sarados, safados, bolados.
(Danimar Bonai, 2025)

Nesse âmbito, desejamos inventar modos possíveis de experimentar a educação escolar e a si mesmo ao longo da construção de uma *tragueitória* escolar sob os diversos *percebimentos* construídos por um estudante guei. Se as práticas educacionais que estão em voga foram-forem totalitárias e, portanto, não servirem mais a quem as encontra, propomos que as espatifemos e inventemos outras maneiras (im)possíveis de vivenciá-las mediante a produção de um arsenal de escrita subversivo e pervertido, que lamba e ria na fuça dos modos hegemônicos e heteronormativos de viver as masculinidades, os quais se mostram amiúde intocáveis e glorificados na cultura escolar, produzindo violências.

> A masculinidade hegemônica - branca, heterossexual e dominante - é um modelo cultural ideal, não sendo, portanto, atingível por praticamente nenhum homem. Contudo, como padrão, ele exerce um efeito controlador, através da incorporação de uma ritualização (no sentido antropológico) das práticas da sociabilidade cotidiana e de uma discursividade que exclui todo um campo emotivo considerado feminino e subordina outras variedades. (MEDRADO; LYRA, 2002, p. 2).

Inspirado nas palavras de Benedito Medrado e Jorge Lyra (2002), entendemos que tensionar a masculinidade hegemônica significa também questionar a construção-aceitação de uma forma única de viver a masculinidade ao conjecturá-la no plural, pois é comumente atrelada a um discurso ideal em torno de um sujeito branco, de classe média, heterossexual, cristão, viril, ativo, que não chora e está sempre pronto para agir nas circunstâncias difíceis que a vida apresenta. Qualquer configuração de masculinidade que fuja desses estereótipos tende a encontrar mais ou menos resistências de acordo com o contexto social predisposto.

as sociedades tem suas (m)(g)azelas,
o que se diz proteção
em centenas de vezes te coloca
na cruz da maldição,
chama a polícia, envia mensagem
eles irão te salvar,
ah, é loucura e bobagem
eles se autoproclamam defensores
porém, fazem tanta sabotagem
que o cidadão de bem
é o único que lhes deveras convém.
(Danimar Bonai, 2025)

Também é relevante apontar que embora a masculinidade hegemônica se constitua principalmente através da disseminação dos aspectos esboçados acima, ela denota assimetrias entre si, sendo possível falar em masculinidades hegemônicas, uma vez que se tem na escola, por exemplo, tipos de masculinidades hegemônicas que poderíamos intitular e organizar como subcategorias, tais como os estudantes *nerds* da computação; os *nerds* dos laboratórios científicos; os *descolados*-desinteressados e os esportistas, ao

passo que cada configuração dessas apresenta suas pseudo vantagens e entraves nos espaços em que transitam.

toda forma de amor é justa,
porém
algumas são mais (in)justas do que outras?
(Danimar Bonai, 2025)

Questiona-se aqui “quem tem medo do corpo, do sexo e do Gênero?” Neste texto, Martha Narvaz e Paola Zordan (2019) tensionam as questões atinentes à produção dos corpos, dos gêneros e das sexualidades na cultura escolar que - longe de serem naturais ou dadas - são construções políticas interessadas e endereçadas. Tais ações são planejadas enquanto estratégias para que determinados jeitos de viver sejam incrustrados na sociedade como eternos e imanentes formando-mantendo determinado tipo de sujeito como correto – o hegemônico, sendo ele branco, jovem, heterossexual, classe média, matriz religiosa católica-evangélica. Martha Narvaz e Paola Zordan (2019, p. 27-28) reiteram que

> Ora, falar em corpo, gênero, sexo, sexualidade, prazer e desejo incita a desvendar os mecanismos de sua produção, o que coloca em risco a ordem masculinista e racionalista vigente, assentada em discursos religiosos, colonialistas, elitistas e racistas, apoiados nos discursos científicos que se valem da biologia, para manter a norma do sexo-gênero como guardiã da moral cristã e da família tradicional.

O caminho para mudanças é árduo e, por vezes, nojento, em virtude de que a escola, herança da modernidade racionalista - patriarcal, racista, cisheterogênera – é um território de disputas e monopólios culturais, muito além de conhecimentos técnicos e científicos. A escola tal como a conhecemos é aquela que ainda formata for/mata mata sujeitos. Que tal des-colar e fissurar as configurações de corpos e identidades hegemônicos? Um tipo de pó, ainda, que poderá ser como maquiagem colada sob feridas históricas. Desejamos também, com essa pesquisa que os anseios por subversões possam contaminar outros sujeitos que, porventura, encontrarem essas palavras e, com isso, ousem conjecturar outras práticas de pesquisa acadêmico-escolares (im)possíveis e improváveis, engendrando outros corpos-textos prenhez de invenção e de vida.

vai, desertor!
rabisca na fuça acadêmica bem comportada,
poetisa com a raba da masculinidade,

morda a pica do gozo,
mama na rima da sexualidade,
incita escritas malditas.
(Danimar Bonai, 2025)

Recorremos aqui às palavras de Guacira Lopes Louro:

> Há ainda uma difícil barreira de sentido a superar: para que um/a jovem possa vir a se reconhecer como homossexual será preciso que ele/ela consiga desvincular gay e lésbica dos significados a que aprendeu a associá-los, ou seja, será preciso deixar de percebê-los como desvios, patologias, formas não naturais e ilegais de sexualidade. Como se reconhecer em algo que se aprendeu a desprezar? Como, estando imerso/a nesses discursos normalizadores, é possível articular a (homo)sexualidade com prazer, com erotismo, com algo que pode ser exercido sem culpa? (Louro, 2014, p. 87)

Assim, esse estilhaçamento passa-começa-passa-termina-passa por espatifar a culpa em desejar ser quem se quer a partir do momento em que são nomeados os processos de acordo com o conceito adequado a cada um deles. Doença, por exemplo, abandona o quadro das patologias e se transforma em mais um aspecto subjetivo criado a unhas por alguém para sangrar-segregar-inferiorizar outra pessoa. A suposta natureza dos comportamentos abjetos necessita ser des-pida a ponto de ficar pelada, de virar piada, de não restar mais quase nada, a não ser uma lembrança fugaz, que não arfe os brônquios ou arqueie a coluna. Transmutar é possível, *loquear* é necessário.

subverter é tão bom
quanto transar
com o corpo do texto.
(Danimar Bonai, 2025)

RESULTADOS OU IN-CONCLUSÕES DE PESQUISA

Uma pesquisa de caráter biografemático não busca concluir a sua temática investigativa no intento de obter resultados, mas se propõe a encontrar novas possibilidades de entendimento e criação mediante o contato obtido durante a pesquisa ao sentir, revirar, subverter, perverter, cheirar, tocar e ao demorar-se de diferentes jeitos e sinestesias na investigação. Um dos autores do texto ao realizar escrituras de sua *tragueitória* escolar e de vida, disparadas pelos traços biografemáticos, foi atravessado por tatos diversos que lhe incitaram a sentir que escrever uma subjetividade guei não finda

ao terminar um texto. Desse modo, a subjetividade aqui foi o está sendo percebida como um tipo de ficção inventada ao longo de uma *tragueitória* escolar e de vida não apenas criada durante o período escolar da juventude, mas também conforme foi mastigada, chupada, cheirada, estranhada, cutucada no decorrer desse processo de pesquisa. Esse exercício produziu paulatinamente um escritor-pesquisador-poeta-subversor que percebe nas linguagens malditas iminentes possibilidades de produzirem vidas diferentes de como elas são. Encerramos esse trabalho com um breve excerto poético. Acompanhamos o poeta Paulo Leminski que, em sua época, associou à atividade poética uma performance pessoal ousada e intensa, defendendo a inutilidade da poesia, a ideia do poema como um in-utensílio. “Eu escrevo apenas./ Tem que ter por quê?”, questionou em Toda Poesia (Leminski, 2013):

desejar, querer, atu(r)ar
deixar de son(h)(ambul)ar,
fazendo do viver uns
descer des-ser ceder ex crer exceder prazer morrer viver
de tanto aspirar o pouco ar-xistir artistar poetizar que há por aí.
(Danimar Bonai, 2025)

REFERÊNCIAS OU INTERFERÊNCIAS DE PESQUISA

BARTHES, Roland. **Roland Barthes por Roland Barthes**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

BARTHES, Roland. **Sade, Fourier, Loyola.** Tradução de Mário de Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

LEMINSKI, Paulo. **Catatau**. São Paulo: Iluminuras, 2010.

LEMINSKI, Paulo. **Toda poesia**. São Paulo: Companhia das letras, 2013.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 16. ed. 11 reimp. Petrópolis: Editora vozes, 2014.

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. Produzindo sentidos sobre o masculino: da hegemonia à ética da diversidade. In: ADELMAN, Mirian; SILVESTRIN, Celsi. (Org.). **Coletânea Gênero Plural**. Curitiba: UFPR, 2002, p. 63-76.

NARVAZ, Martha; ZORDAN, Paola. Quem tem medo do corpo, do sexo e do gênero? *In*: RIZZA, Juliana Lapa; et al. (Orgs). **Tecituras sobre corpos, gêneros e sexualidades no espaço escolar**. Rio Grande: Editora FURG, 2019, p. 15-32.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 4. ed. Rio de janeiro: Objetiva, 2018.